FÉ DESCONHECIDA: VIVÊNCIAS RELIGIOSAS EM UMA ESCOLA DA PERIFERIA DE CAMPINAS-SP

Unknown faith: religious experience in a school on the outskirts of Campinas-SP

Vitor Barletta Machado[1]
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas)
DOI: 10.29327/256659.15.3-16

RESUMO:

O artigo apresenta diversos resultados de projeto de extensão realizado através do programa de extensão da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em escola pública estadual da periferia de Campinas-SP, tratando sobre o tema da violência e intolerância religiosa. As atividades conduzidas com alunos do ensino fundamental visavam ajudar os alunos a compreenderem o conceito de alteridade, partindo do reconhecimento da diversidade religiosa, além de permitir a reflexão sobre o seu lugar social. Ao mesmo tempo, se reflete sobre a realidade religiosa contemporânea, marcada por uma religiosidade sem grande profundidade teológica, dadas as condições em que sua reprodução ocorre. As referências ao conceito de secularização, mercado religioso e escolha racional, auxiliam na costura das conclusões preliminares, em que temos a descrição de um mundo de presença religiosa mas sem conhecimento do religioso.

Palavras-chave: Tolerância; Religiosidade contemporânea; Escola pública; Colonialidade.

[1] Professor na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, com mestrado em Sociologia pela Universidade de São Paulo e doutorado também em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: hugo.belarmino@academico.ufpb.br.

INTRODUÇÃO

O Brasil permanece sendo uma nação na qual a maioria da população se declara religiosa, com ampla predominância das religiões de matriz cristã. Dados do censo de 2022 registraram mais de 579 mil estabelecimentos religiosos no Brasil. Apesar de não terem sido apresentados os dados sobre vinculação religiosa, o censo de 2010 registou 86,8% de cristãos no Brasil. Nossa diversidade teológica é limitada, como ressaltou Pierucci (2004; 2006) ao analisar a retração das religiões tradicionais e o crescimento daquelas relacionadas ao movimento evangélico. Em artigo para o jornal Folha de S. Paulo apresentou a questão nos seguintes termos:

> Basta, porém, o brasileiro parar um pouco e olhar à sua volta para quase só ver... cristãos. Outrora quase só se viam católicos, mas hoje se vêem também, por toda parte, os evangélicos. Cadê os outros? Cadê a alteridade cultural em matéria de religião? Cadê nossa badalada diversidade religiosa? (Pierucci, 2002)

Em concordância com as reflexões de Pierucci, Negrão nos apontou que as conversões e reconversões religiosas no Brasil, via de regra, ocorrem dentro do universo cultural do cristianismo, facilitando o trânsito entre as diferentes igrejas, compondo o que definiu como mínimo denominador comum religioso: "...partirei da afirmação da existência de uma cultura religiosa brasileira popular, que inclui um 'mínimo denominador comum' capaz de ser identificado pelo homem religioso nos diferentes cultos integrantes do campo" (Negrão, 1997, p. 70).

A interpretação aqui é a mesma, de que mesmo que existam diferentes denominações e ordens religiosas[2] na sociedade brasileira, elas são majoritariamente variações dentro do espectro do cristianismo, de maneira que os elementos essenciais da fé cristã estariam presentes nessas diferentes igrejas, preservando valores fundamentais sustentados por escrituras sagradas que se baseiam em fontes comuns, mas que passaram

[2] Mendonça (1984) nos esclarece que as religiões protestantes nos EUA empregaram o denominacionalismo ao identificarem suas diferentes igrejas, abarcando três princípios: a noção de associação voluntária; de que possuem um propósito específico distinto daquelas igrejas já existentes; de um caráter ecumênico e unitivo (as denominações não se consideravam possuidoras de toda verdade). Veremos no texto que os alunos participantes das atividades não foram capazes de identificar as denominações que frequentavam.

por diferentes processos de tradução e organização[3], possibilitando que o fiel transite mais facilmente entre elas[4]. Só que tal adesão ocorre dentro do universo simbólico das religiões chegadas aqui no processo de colonização, especificamente aquelas praticadas pelas elites dominantes.

Religiosidades que estão fora do universo daquelas impostas no processo colonial, como as de matriz africana, existem mas são minoritárias na população, do mesmo modo que aquelas de raízes orientais. Predomina sempre, por trás de toda uma sensação de diversidade gerada pela grande quantidade de diferentes denominações, os valores do cristianismo imposto pelos colonizadores europeus. Tal realidade acrescenta um elemento de dominação cultural e racial para os casos de intolerância religiosa, que no Brasil estão majoritariamente direcionados para aquelas religiões de matriz africana. Ressalto, como Cunha (2020, p. 3), que: "Tolerância não significa "aguentar", "suportar", não conseguir evitar o Outro Diferente, mas é a valorização do direito que cada pessoa tem de ser aquilo que é e de continuar a ser."

O intolerante nega ao outro, ao diferente, até mesmo o direito de existir, de ser. A posição de intolerância é, nessa perspectiva, profundamente marcada pelo colonialismo. A negação do direito do outro de permanecer com suas características é central nas práticas de dominação europeia no continente americano:

> Religiões muito antigas eram professadas pelas centenas de povos indígenas que habitavam a terra conquistada e, com a invasão portuguesa, passaram a sofrer com a rejeição e a demonização impostas pelo Cristianismo Católico-Romano, interpretado como verdade única de fé e trazido como religião oficial dos

[3] Conforme Bourdieu (1982, p. 52): "As crenças e práticas comumente designadas cristãs (sendo este nome a única coisa que têm em comum) devem sua sobrevivência no curso do tempo à sua capacidade de transformação à medida que se modificam as funções que cumprem em favor dos grupos sucessivos que as adotam.". E lemos em Chartier (2011, p.236): "Quando um texto passa de um nível de circulação a outro, mais popular, ele sofre um certo número de transformações, das quais uma das mais claras é a fragmentação operada ao pôr-se em livro, seja no nível do capítulo, seja no nível do parágrafo, destinada a facilitar uma leitura nada virtuosística.". Vemos que tanto os conteúdos das crenças e práticas religiosas variam conforme os grupos que dele se aproximam, como também a própria forma como textos são apresentados aos diferentes públicos também irá se modificar.

[4] A reflexão de Negrão não se concentra sobre as motivações para o trânsito religioso, que podem incluir elementos de pressão familiar, do grupo social, até mesmo de hostilidade com relação a algumas formas de religiosidade.

> colonizadores. [...] O mesmo processo foi vivido pelos milhões de africanos escravizados e traficados durante séculos para trabalharem, especialmente, em lavouras de café, cana-de-açúcar, algodão e tabaco (Cunha, 2020, p. 10).

A religião cristã, com predomínio inicial do Catolicismo entre nós, exerceu forte papel no sentido de apagar as vivências místicas e religiosas dos povos indígenas e dos africanos aprisionados e escravizados em nosso território. Ainda que vários traços tenham sobrevivido, é inegável que prevalecem as doutrinas cristãs. Nos auxilia na reflexão a noção de colonialismo interno:

> A definição do colonialismo interno está originalmente ligada a fenômenos de conquista, em que as populações de nativos não são exterminadas e formam parte, primeiro do Estado colonizador e depois do Estado que adquire uma independência formal, ou que inicia um processo de libertação, de transição para o socialismo, ou de recolonização e regresso ao capitalismo neoliberal. (González; Casanova, 2007, p. 432).

O fundamental, para a reflexão apresentada neste artigo, é a percepção de que existe uma continuidade da mentalidade colonialista, que não precisa mais da presença do elemento estrangeiro, ocorrendo através de setores da nossa população que ocuparam essa posição, exercendo o mesmo papel de imposição de valores, de comportamentos, buscando eliminar os divergentes. A mentalidade colonial continua agindo, portanto, através da intolerância religiosa.

Essas questões estão bem definidas e debatidas na literatura especializada, mas há uma dimensão ainda não abordada com a mesma intensidade. Refiro-me à necessidade de identificação da profundidade do conhecimento dos brasileiros sobre as crenças que proclamam, questão sobre a qual parece existir um cenário geral de profundo desconhecimento da fé. Vive-se a religião como uma estrutura de regras de conduta, mas não como um sistema filosófico de crenças com embasamento teológico. As religiões surgem cumprindo um papel fiscalizador de comportamentos com base em certos preceitos, que podem várias de uma denominação para outra, muito mais do que serem um espaço de estudo das doutrinas.

Este artigo aborda algumas dessas questões, partindo dos resultados de um projeto de extensão realizado em uma escola pública da periferia de Campinas-SP, nos anos de 2016 e 2017. O projeto trabalhou com alunos dos ensinos fundamental e médio, promovendo reflexões sobre a violência e a intolerância partindo da experiência religiosa dos participantes, utilizando como parâmetro a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH).

Naquele momento, casos de intolerância religiosa chegavam aos noticiários, bem como se fortaleciam movimentos que questionavam a própria existência da DUDH, com alegações de que seus artigos serviriam apenas para proteger criminosos. O projeto pretendia combater a intolerância em seus diferentes aspectos, abordando a temática através das religiões. A escola parceira nas atividades havia relatado a ocorrência de alguns casos de conflitos por intolerância religiosa entre os alunos e com um professor. Durante a realização das atividades foi possível conversar com o professor e com a turma envolvida. Este artigo pretende, através do relato dessa experiência, contribuir para a reflexão sobre o lugar da religião na sociedade brasileira nos dias de hoje.

NUNCA FOMOS SECULARIZADOS

Diferentes pesquisadores do fenômeno religioso sugeriram, com veemência em vários casos, que o avanço da secularização, entendida como o processo da diminuição da influência das religiões no cotidiano, substituídas por visões não religiosas do mundo[5], era inevitável. Berger, inclusive, vinculou a noção de secularização com a de mercado religioso, apontando que o processo que retirou a proteção historicamente dada pelos Estados às religiões predominantes, contribuiu para criar uma situação na qual "... a religião não pode mais ser imposta, mas tem que ser posta no mercado" (Berger, 1985, p. 156). Ele estava apontando que sem poderem mais contar com o poder repressor do Estado para impor e

[5] Ou como definiu Pierucci (1998, p. 63), ao comentar o conceito em Weber: "Aqui, secularização designa antes de mais nada o processo caracteristicamente moderno de declínio da religião (...), desenhando uma trajetória de esmorecimento e de cessão, de subtração de religião, que, se é verdade que pode ocorrer em qualquer época e lugar, constitui em sua tipicidade o roteiro característico dos tempos modernos.".

proteger uma religião, houve a necessidade de competir pela permanência dos fiéis, que agora podiam circular entre as diferentes doutrinas. A crescente competição e o pluralismo religioso teriam contribuído para fortalecer o processo de secularização, deslocando as religiões do espaço público para o espaço da vida privada familiar.

Kolakowski destacou que existem pelo menos três sentidos atribuídos ao processo de secularização. O primeiro vinculado à ideia de um "decréscimo de participação nas atividades dos organismos cristãos tradicionais" (Kolakowski, 1977, p. 156), atrelado ao desenvolvimento da indústria, mas sem ter o mesmo ritmo em todas as sociedades de industrialização mais avançada. Afirma para o segundo sentido: "Se, contudo, identificamos o processo de secularização com o definhamento da necessidade religiosa, a questão torna-se muito mais duvidosa" (Kolakowski, 1977, p. 156), destacando justamente o processo de revigoramento das comunidades religiosas. O terceiro sentido define a secularização "como o esvaecimento da fronteira entre o sagrado e o profano, como o fim da separação entre os dois; é a tendência que consiste em atribuir um sentido sagrado a todas as coisas. Universalizar o sagrado significa aboli-lo" (Kolakowski, 1977, p. 157).

Observando a tendência de fortalecimento de diferentes grupos religiosos nas disputas políticas no Brasil, é possível observar que atribuir o sagrado para tudo que existe não promoveu seu enfraquecimento.

Iannaccone (1997) propôs, através da teoria da escolha racional, que os indivíduos agem no mercado religioso por uma reflexão sobre os custos e benefícios de suas ações. Em trabalho conjunto com Stark e Finke (1998), Iannaccone criticou os estudos que associavam o comportamento religioso ao pensamento primitivo irracional, já que haveria um cálculo racional na adesão ao sistema religioso mais adequado às expectativas de vida de cada fiel. Mariano (2008) ressaltou que a perspectiva da escolha racional pode qualificar até mesmo as ações mais altruístas como comportamentos egoístas, em função da ideia do cálculo que busca sempre benefícios individuais. Parece-me que a questão não é exatamente essa, mas sim a de entendermos que os indivíduos realizam escolhas, partindo do cálculo racional que são capazes de realizar com base nas informações e valores de que dispõem.

Hoje, em pleno século XXI, convivemos com diversas formas de expressão religiosa, algumas de caráter mais radical e até mesmo excludente, tal como nos casos de ataques de grupos evangélicos à terreiros candomblé[6]. Vemos o avanço da influência da bancada evangélica no Congresso Nacional, impondo sua pauta de valores religiosos na discussão sobre os rumos da nação. É um cenário bem distante da anunciada secularização. O próprio Berger revisou seus conceitos, após os atentados terroristas nos EUA em 11 de setembro de 2001:

> argumento ser falsa a suposição de que vivemos em um mundo secularizado. O mundo hoje, com algumas exceções que logo mencionarei, é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares. Isso quer dizer que toda uma literatura escrita por historiadores e cientistas sociais vagamente chamada de 'teoria da secularização' está essencialmente equivocada. Em trabalhos anteriores contribuí para essa literatura" (Berger, 2001, p. 10).

São vários os casos nos quais o fundamentalismo religioso materializou-se em atos diversos de violência. Destaco as ações violentas realizadas por pessoas sem vínculos diretos com grupos terroristas, mas que protagonizaram episódios tais como o ataque ao jornal Charlie Hebdo, no início de 2015 na França, resultando em 12 mortos. E temos um conjunto de atos de violência cotidiana, que somente chegam aos meios de comunicação de massa se provocarem uma comoção imediata. Foi caso de Kailane Campos, em junho de 2015, então com 11 anos de idade, apedrejada quando voltava do culto de candomblé com sua família. Um mês depois a adolescente Agnes, com 14 anos, praticante de candomblé foi agredida dentro da escola em que estudava. Sua mãe afirmou que já haviam sido hostilizadas na rua por jovens dentro de um carro vestindo camisetas do "exército de Jesus", em tecido de camuflagem militar.

Em 2017, um vídeo mostrando um traficante armado obrigando uma mãe de santo a destruir suas imagens e altares, enquanto fazia um discurso religioso, teve grande repercussão nas redes sociais. Considerando o conceito de mínimo denominador religioso

[6] Destaco os seguintes casos: em 2019 oito traficantes pertencentes ao grupo Bonde de Jesus foram presos por atacarem terreiro de umbanda e candomblé na Baixada Fluminense (Coelho, 2019); em 2022 um grupo de 20 evangélicos agrediu três praticantes de candomblé no terreiro Logun Edé, na cidade de Eunápolis, sul da Bahia. (G1-BAHIA, 2022).

de Negrão, é possível levantar a hipótese de que as religiões de matriz não cristã sofrem tais ataques na medida em que seus simbolismos são avaliados à luz daqueles estabelecidos pelas religiões com maior número de praticantes, mesmo que entre as religiões cristãs exista também uma disputa pelo significado dos valores essenciais do cristianismo, como na temática do livre arbítrio em oposição à predestinação, ou mesmo sobre a santidade de Maria e o emprego de imagens nas celebrações. As crenças trazidas pelo homem branco europeu alimentam, ainda hoje, o conflito entre aqueles que descendem do violento processo de uma colonização realizada com a escravização de seres humanos.

Os dados que serão aqui discutidos nos colocam alguns questionamentos sobre a realidade religiosa brasileira, através da temática da alteridade, entendida na ótica de Gilberto Velho: "A noção de outro ressalta que a diferença constitui a vida social, a medida que esta efetiva-se através das dinâmicas socais. Assim sendo a diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito" (Velho, 1996, p. 10). Por isso reconhecer o outro em sua própria perspectiva impõe-se como necessidade de uma sociabilidade inclusiva, o que não significa aceitar que pessoas intolerantes continuem exercendo um suposto direito de serem intolerantes. Conforme Ricoeur: "E o *intolerável*? Pois bem, direi paradoxalmente, que nesse nível de profundidade só o intolerante é intolerável" (Ricoeur, 1995, p. 190).

METODOLOGIA DAS OFICINAS E DA ANÁLISE DOS DADOS

A atividade de extensão que será descrita partiu de necessidade da escola participante em trabalhar com a temática da intolerância religiosa, após caso de agressão a uma aluna candomblecista e conflitos com professores que abordaram a temática religiosa nas aulas. Foi uma ação educativa e também de pesquisa, na medida em que o olhar do investigador esteve sempre presente. O trabalho reuniu grande quantidade de material escrito e ilustrado nas atividades pelos alunos (Machado; Córdoba; Cappelozzi, 2017; Machado, 2019), bem como anotações em diário de campo. Realizamos oficinas trabalhando o autoconhecimento e a alteridade, utilizando como base a DUDH, apresentada como

documento que garante a proteção do indivíduo na sociedade, bem como o papel da cada um na construção do espaço coletivo.

Os dados analisados foram obtidos em 2016 e 2017, com alunos dos sétimos e oitavos anos do ensino fundamental, com idades entre doze e dezessete anos. Foram quatro oficinas, organizadas em dois blocos realizados com intervalo de 15 dias. No primeiro bloco tínhamos: 1) "Eu não conheço você", os alunos eram instigados a relatarem a história de sua família e falarem sobre seus sonhos futuros. O projeto trabalhava com a premissa de que uma das causas a da violência é a falta de informação, não conhecermos a realidade do outro.

A atividade terminava com o desafio de que os alunos identificassem os autores de trechos selecionados das histórias produzidas, sempre com o cuidado de não utilizar assuntos sensíveis. 2) "Humanos", oficina de apresentação e reflexão sobre os Direitos Humanos, sendo os alunos estimulados a falarem sobre suas experiências prévias. A equipe começava perguntando aos alunos aquilo que sabiam sobre os direitos humanos, buscando relacionar com questões do cotidiano da turma.

Na última parte eles se reuniam em pequenos grupos para refletir sobre quais seriam as ações necessárias para que as pessoas tenham uma vida digna. As oficinas do segundo bloco eram: 3) "Em que você acredita?", era uma oficina criada para trabalharmos com a vinculação religiosa dos alunos e, também, com o conhecimento que possuíam sobre aspectos das suas doutrinas. Em todas as salas nas quais realizamos as oficinas os participantes não souberam responder sobre os preceitos das religiões que frequentavam. 4) "Fazer aos outros...", a última oficina buscava promover a reflexão sobre os temas abordados em todas as atividades, articulando-se com a máxima "faça aos outros o que gostaria que fizessem com você", cujo sentido principal pode ser encontrado em diferentes passagens bíblicas[7], utilizada para auxiliar na construção do conceito de alteridade.

[7] Segundo a literatura bíblica, registrada em Lucas, capitulo 6, versículo 31, lemos: “O que vocês desejam que os outros lhes façam, também vocês devem fazer a eles” (BÍBLIA, 1990, p. 1319), do mesmo modo está registrado em Mateus, capitulo 7, versículo 12, como citação de uma fala de Jesus: “Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles. Pois nisso consistem a Lei e os Profetas.” (Ibid., p. 1246).

Os dados registrados são fundamentalmente qualitativos, algumas informações tendo sido quantificadas apenas para propósito comparativo, sem qualquer pretensão de validade estatística. Considero, como Bourdieu, que "[...] a análise da estrutura interna da mensagem religiosa não pode ignorar impunemente as funções sociologicamente definidas que ela cumpre: primeiro, em favor dos grupos que a produzem e, em seguida, em favor dos grupos que a consomem" (Ibid., p. 43), ressaltando que permanece uma oposição entre os que monopolizm a gestão do sagrado e os leigos. Essa separação foi considerada para a análise das informações coletadas, revelando um cenário de profundo desconhecimento da fé, conforme já afirmado na introdução.

O COLÉGIO E SEU PÚBLICO — APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A região onde o colégio participante se localiza apresenta 41,8% dos seus moradores com uma renda mensal de até dois salários mínimos e 37% sem qualquer renda. É um bairro formado por migrações recentes, motivadas quase sempre pela busca de novas oportunidades de trabalho. Negros e pardos predominam entre os moradores (55%). A maioria dos alunos participantes das oficinas eram negros e pardos, com diversos modelos familiares. O relato sobre a história de suas famílias demonstrou o processo de migração recente para a região, bem como o sonho com um futuro diferente, que seria realizado pelo estudo universitário.

Se para a cidade de Campinas, conforme dados do IBGE (2010), os católicos ainda são a maioria da população (aproximadamente 59,3%), no cenário das turmas tal realidade não se observou. De 215 alunos que responderam aos nossos questionamentos[8] sobre a própria religiosidade a grande maioria era evangélica (91), com o número de católicos (52) se mostrando quase o mesmo daqueles que se declararam sem religião mas acreditam em

[8] Dois alunos entregaram a folha de perguntas em branco e foram desconsiderados na contagem geral aqui apresentada, pois a participação nas oficinas não era obrigatória.

Deus (46). A vinculação dos praticantes de religiões evangélicas com populações de renda mais baixa já foi amplamente mapeado, inclusive por Pierucci (2004) e Mariano (2004).

Diferentes igrejas evangélicas foram reunidas em um único número no levantamento, pois a maioria dos alunos não soube especificar a denominação que frequentava. Não conseguiram também falar nada específico sobre a própria religião, nenhum princípio da sua doutrina teológica. Isso ocorreu também entre os que se declararam católicos, um deles inclusive afirmou que na sua Igreja não havia qualquer doutrina. Foi necessário explicar inicialmente nas oficinas o significado de doutrina, mas sem que houvesse modificação no resultado do levantamento.

A maioria simplesmente afirmava que acreditava em Deus (153 respostas), sem qualquer aprofundamento. Tal afirmação lhes parecia suficiente para explicar tudo, como se não houvesse aí qualquer dúvida. O cenário foi o mesmo entre evangélicos e católicos. As respostas sobre a doutrina foram muito variadas por ser um questionário aberto, com muitos registros de "não sei" e "não lembro", destacando-se as interdições sobre vestuário e aparência física (26 respostas), cultivar o respeito (16), buscar a paz (14), acreditar em Santos (11) e observar os 10 mandamentos (10).

Considerando-se a dificuldade que tiveram para se lembrarem de qualquer elemento doutrinário[9] o fato de serem essas as referências principais é significativo. Apenas dois participantes lembraram da máxima "amar ao próximo como a si mesmo". Pires (2010) destacou que crianças pequenas, até nove anos de idade, não parecem capazes de compreender o aspecto simbólico da religião, ainda que possuam capacidade de questionar seus ensinamentos. Afirmou: "Em poucas palavras: quando criança, o credo ou o objeto religioso eram tidos como irrelevantes. Quando adulto, entretanto, a religião parece tornar-se a grande razão do comparecimento à igreja" (Pires, 2010, p. 152).

[9] Neste trabalho consideramos como doutrina aqueles elementos da crença religiosa que indicam a concepção de divindade e os valores defendidos pela mesma, englobando mas indo além das normas de vestuário e aparência física.

As crianças não estariam preocupadas com o significado dos rituais, estando muito mais atentas ao ritual em si mesmo. Observamos nos nossos resultados a mesma situação relatada por Pires estendida para jovens acima dos doze anos de idade, chegando até os dezessete em algumas salas. Quando solicitados a falarem livremente sobre sua religiosidade recorreram aos rituais e regras de comportamento, mas sem avançarem para o seu significado, sem distinção de pertencimento religioso, independentemente da sua idade

Essas características gerais se revelaram já no trabalho com a primeira turma do colégio, levantando a necessidade de entender se os conflitos que ocorreram antes de nossa chegada eram pautados por uma reação emocional de afetividades familiares, já que a questão do conhecimento religioso não surgiu. A turma vinha sendo indicada como conflituosa e questionadora, com a ocorrência de discussões intensas com o professor de História, especificamente durante uma aula sobre a Reforma Protestante. O retrato histórico apresentado em tal aula não se encaixava com aquilo que os alunos entendiam como sendo suas próprias religiões, apesar de não terem sido capazes de falar sobre elas nas oficinas.

Ao pedirem que o professor dissesse qual era sua própria religião, obtiveram a resposta de que não era religioso, seguida de uma reflexão sobre como algumas igrejas se aproveitam de seus fiéis, soando para a maioria dos alunos como uma crítica direta de sua própria fé, estabelecendo uma discussão intensa, culminando com algumas mães procurando a direção do colégio. Os alunos haviam provocado o professor para que se posicionasse pessoalmente sobre o tema, só que ao fazê-lo ele acabou por estimular uma reação ainda mais forte da turma. A solução encontrada no diálogo entre a direção e o professor, naquele momento, foi a de não se discutir qualquer temática relacionada à religiosidade.

O resultado do mapeamento dos valores religiosos realizado pela equipe de extensão, mostrou que uma parte do problema era exatamente o desconhecimento, a falta de informação, determinando a realização de generalizações sem profundidade reflexiva. No caso em questão, o professor não conhecia o quadro religioso da turma, suas vinculações, mas os estudantes demonstraram conhecer também apenas alguns poucos

elementos de sua própria fé, como as interdições de vestuário e a cobrança de dízimo, justamente alguns dos aspectos que foram criticados na fala do professor. Desse modo seu discurso atingiu a dimensão que os alunos eram capazes de reconhecer de sua própria fé, estimulando a reação da sala.

A equipe de extensão optou por apresentar alguns valores religiosos de conteúdo universal, organizados ao redor da máxima "faça aos outros aquilo que deseja que façam com você" [10], buscando verificar se era um desconhecimento realmente ou se eles precisavam apenas reavivar a memória de mensagens já ouvidas. Os alunos foram plenamente capazes de interpretar a frase em seu significado ético e moral, em todas as salas. Mas o fizeram como interpretação da frase em si mesma, sem utilizarem referências religiosas diretas. Mesmo para os poucos alunos que relataram frequentar catequese e estudos bíblicos a frase, a sua mensagem, não foi indicada como tendo sido trabalhada nestas atividades. Nem mesmo em exemplos de situações dentro do ambiente familiar a frase foi lembrada pelos alunos.

Mesmo considerando que possam simplesmente ter esquecido, o fato de não terem registrado tal máxima com uma mensagem religiosa é significativo. A frase não lhes era estranha, mas muitos demonstraram que não fazia parte do seu repertório cotidiano. Havia a expectativa de que as reflexões das primeiras oficinas, pautadas no reconhecimento do outro através da história de vida, no pensar sobre os sonhos para o futuro e no reconhecimento dos Direitos Humanos, fizessem a ponte com algum conhecimento prévio, vindo da vivência religiosa e/ou familiar.

Somente após a condução das demais atividades estabeleceram autonomamente tais conexões, partindo de alguns elementos da experiência pessoal sobre os quais nunca haviam refletido. A necessidade de repetir as atividades de aprofundamento sobre os valores religiosos em todas as turmas reforçou a percepção de que os mesmos não estavam presentes para tais alunos, ou por não lhes terem sido transmitidos, ou por não terem se

[10] O princípio de tratar as pessoas do mesmo modo como queremos ser tratados existe também, por exemplo, em Confúcio.

consolidado como pressupostos morais. A vivência religiosa prévia servia-lhes como um conjunto de regras genéricas de comportamento, não relacionadas com conhecimento teológico doutrinário.

Tal desconhecimento também se apresentou na reflexão sobre os Direitos Humanos. Eles conheciam frases como “direitos humanos protegem bandidos”, mas não sabiam indicar qualquer preceito da declaração. Era um desconhecimento do debate sobre os valores gerais da humanidade, das normas para a construção de uma convivência pacífica, tanto no campo religioso como no campo dos Direitos. Os relatos sobre a realidade do cotidiano familiar reforçaram essas conclusões, pois invariavelmente apresentavam situações de pouco diálogo e muitos castigos.

Os dados apresentados ressoam uma característica típica da religiosidade brasileira, que é o seu caráter fortemente ritualista e místico, importando muito mais a expressão da fé, a comprovação dela por explosões emocionais e sacrifícios, do que seu conteúdo teológico. Além dos rituais tradicionais, como as romarias ao santuário nacional em Aparecida do Norte (SP), peregrinações à Juazeiro do Norte (CE), os festejos do Círio de Nazaré (PA), temos hoje as celebrações evangélicas em estádios de futebol.

Esses eventos enfatizam o êxtase religioso, a experiência não racionalizada da fé, pelos quais através de palavras, gestos e sacrifícios espera-se influenciar a ação da divindade em seu favor, em uma retomada religiosa da magia. São processos que alimentam e intensificam a participação religiosa, mas que podem esvaziá-las de seu conteúdo doutrinário, diria até mesmo religioso. Conforme Prandi:

> E isto mostra que, se a religião parece dar um passo atrás, na verdade é a própria sociedade que se mostra incapaz de solucionar graves problemas de sua própria constituição. Tão graves que ela é obrigada a se valer dessa multiplicidade religiosa que leva para longe da vida politica e para perto da magia a possibilidade de encontrar respostas para toda sorte de problemas que afligem a população (Prandi, 1996, p. 104).

Viver a religiosidade cotidianamente através de interdições, como as de vestuário e aparência física, sem a compreensão e reflexão sobre seus possíveis significados, promove

o distanciamento da própria mensagem religiosa expressa nas doutrinas, da teologia reflexiva, privilegiando-se o místico, o mágico, com potencial muito mais emocional. Prandi reforça: "O sucesso da religião e a crise da sociedade são, assim, faces da mesma moeda, cuja medida é a própria crise da razão." (Prandi, 1996, p. 104), pois se esperava que as estruturas secularizadas da modernidade fossem barreiras contra o avanço desse "reencantamento", mas a força política das religiões já era sinalizada como determinante na definição desse cenário. A consolidação de uma bancada de congressistas evangélicos, em conjunto com os católicos, expressa a dimensão política desse processo de manutenção da presença do religioso na sociedade:

> para a legislatura de 2015-2019 foram eleitos 75 deputados federais e três senadores publicamente identificados como evangélicos. Reunidos na bancada evangélica, costumam votar coesos quando se trata de certas questões morais lastreadas por interesse religioso comum. À bancada evangélica pode se juntar a escassa parcela de congressistas católicos interessados também em defender pontos de vista de sua religião, formando a chamada bancada da Bíblia, esse estranho conjunto composto por grupos historicamente em pé de guerra entre si (Prandi; Santos, 2017, p. 188).

As bancadas religiosas se unem quando temas relacionados a valores morais conservadores[11] estão em debate, importando não o aprofundamento da reflexão pública, mas sim a defesa de uma posição sustentada por padrões hierárquicos tradicionais, pautada em princípios religiosos, sem compromisso com o princípio de laicidade do Estado. Analisando o voto dos evangélicos no impeachment da presidenta Dilma, Prandi e Carneiro ressaltaram que tais deputados: "...deixaram para trás as razões alegadas para a instauração do processo, que eram de ordem administrativa, e remeteram a ideais e valores de ordem moral, sobretudo a defesa da moral tradicional, que estaria em perigo com a continuidade do governo de Dilma Roussef" (2018, p. 18).

Os jovens que se declararam evangélicos em nossas oficinas relataram uma participação em cultos e celebrações apenas como um dever ritual, até mesmo pela

[11] Não está no alcance deste artigo discutir os sentidos do conservadorismo social. Mas adoto o entendimento de que posicionamentos contrários aos direitos dos LGBTs, das mulheres e uma valorização da hierarquia social (expressa em uma separação de pessoas consideradas inferiores) fazem parte de tal perfil. Pode-se ler sobre isso em Nishimura (2004).

insistência familiar, sem a apropriação de conhecimentos teológicos ou doutrinários. As igrejas do bairro são pequenas congregações em sua maioria do ramo pentecostal, que atuam através do êxtase religioso, com rituais próximos da magia[12]. A vivência religiosa relatada pelos estudantes foi a da mecanização de rituais para provocar determinados resultados, sem que o aprofundamento na doutrina se faça necessário. Já foi relatado que a maioria deles não soube indicar o nome da igreja que frequentava, afirmando apenas que eram evangélicos. O mesmo processo de pouco conhecimento sobre elementos doutrinários ocorria com os alunos católicos, mesmo entre os que declaravam participar de aulas de catequese[13].

Com tão baixa apropriação pessoal sobre os fundamentos das diferentes doutrinas religiosas, não espanta que os alunos recorram a estereótipos, frequentemente ofensivos, quando se propõe o debate de tal temática. Esse fato pode indicar que a mensagem religiosa que estão recebendo não se orienta pela reflexão aprofundada sobre o conteúdo dos textos bíblicos, o que pode ser explicado em parte pela ausência de formação teológica em seminários de grande parte dos pastores que atuam em igrejas menores nas áreas periféricas. Com relação ao processo de formação de pastores podemos ler em Alencar a fala de um estudante de teologia da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente:

> "Ainda existe um certo preconceito a respeito da teologia por parte de muita gente nas igrejas, especialmente entre o povo evangélico, de que 'estudar demais torna as pessoas críticas ou céticas'", comenta Cavalheri ao falar dos inúmeros casos de colegas que abandonaram a faculdade por não conseguirem aceitar diferentes visões do que era ensinado (Alencar, 2017).

O fenômeno não está restrito ao universo evangélico, uma vez que entre os alunos católicos os resultados foram similares, ainda que o processo de formação de sacerdotes

[12] Utilizo magia aqui conforme explicado por Pierucci ao analisar o conceito em Weber: “Magia é coerção do sagrado, compulsão do divino, conjuração dos espíritos; religião é respeito, prece, culto e sobretudo doutrina.” (Pierrucci, 2003, p. 70).

[13] Desdobramentos desse projeto de extensão realizado com alunos do ensino médio também mostraram a mesma tendência, podendo ser consultados em Machado (2019).

seja completamente centralizado em seus seminários[14]. O que se observou no trabalho é que os alunos que participam dos cultos e celebrações religiosas não parecem estar recebendo uma reflexão teológica sobre valores religiosos. Absorvem a religião como um conjunto abstrato de normas, com as quais não se identificam diretamente, contribuindo inclusive para o abandono da presença nas celebrações ao longo do tempo. É significativo que apenas um aluno tenha se lembrado de mencionar a obrigatoriedade de comparecer semanalmente à celebração religiosa.

As condições descritas não impediram os alunos de participarem das oficinas, de mostrarem disposição para ouvir a equipe e, principalmente, uns aos outros. A estratégia de abordar os valores religiosos e ressaltar pontos em comum possibilitou que todos se envolvessem sem atritos. O professor de História relatou posteriormente que eles estavam mais calmos em suas aulas, com alguns alunos tomando a iniciativa de pedir aos demais para ouvirem primeiro as reflexões e respeitarem as diferenças. Evidente que continuavam agitados e gostando de conversar, mas começavam a conseguir ouvir melhor. Uma das alunas, que esteve entre as mais ativas nas oficinas, abordou-me diretamente ao final das atividades, desejando saber como poderia "ser calma" do mesmo modo que todos os membros da equipe de extensão. Explicou-se, afirmando que a agressividade era a regra geral na escola, que todos falavam gritando, alunos, professores, funcionários, sendo também esta a realidade na sua família.

Ser ouvida e não receber de volta uma fala carregada de hostilidade tinha sido uma nova experiência. Ambientes repletos de interdições e coações de comportamento, mas com poucos momentos de diálogo e reflexão, tendem a formar indivíduos que reproduzem tais padrões, mesmo que inconscientemente. Não é, certamente, uma questão de falta de capacidade, mas da necessidade de oferecer o conhecimento sobre os temas da igualdade e da tolerância. Observar que mesmo jovens com vinculação religiosa, que supostamente tratam em suas doutrinas do respeito ao próximo, não compreendem tais temas é

[14] A dimensão formativa de pastores e sacerdotes não está no escopo deste artigo.

certamente preocupante, demonstra que a questão da violência e de intolerância seguirá sendo um desafio.

Ao longo do projeto de extensão as turmas com problemas mais frequentes de conflitos foram aquelas nas quais os alunos sabiam muito pouco uns sobre os outros, relacionando-se através de certos estereótipos: o estudioso e o preguiçoso; o evangélico e o católico. Nessas turmas, com baixa integração, as diferenças entre eles se realçavam, eram utilizadas como forma de intimidar o outro, como uma forma de promover a preservação da própria imagem. As turmas que demonstraram conhecer melhor a vida de cada um não era imune aos conflitos, mas eles eram bem mais raros e muito menos graves quando ocorriam. Entre elas as diferenças existentes, mesmo as religiosas, não resultavam em conflitos intensos, já havendo uma percepção da necessidade de aceitar o colega.

Para os dois tipos de turmas, contudo, o desconhecimento sobre elementos da própria fé, além daqueles já indicados neste artigo, foi comum. Mas enquanto no primeiro tipo as diferenças acabavam sendo reforçadas, promovendo a divisão da sala em vários grupos, dificultando inicialmente os esforços para a troca de experiências comuns nas oficinas, compondo um cenário mais conturbado, que certamente não contribuía para o andamento das suas aulas. No segundo tipo havia um maior respeito pessoal, reconheciam mais facilmente o outro em suas especificidades, de modo que a noção de alteridade era compreendida na prática. Eram turmas em que a maior parte dos alunos estavam estudando juntos por vários anos na escola, diferentemente do que ocorria com as turmas do primeiro tipo. O relacionamento estabelecido nessas turmas não passava pela consciência de valores religiosos, mas sim pela qualidade dos relacionamentos que estabeleceram com o tempo de convivência.

O espaço escolar representa para muitos jovens a primeira experiência efetiva de estar sozinho na sociedade, longe da família. Na igreja normalmente estão com a família, com um grupo de amigos que compartilha daquela mesma experiência. O espaço escolar se apresenta de maneira distinta, nem sempre de maneira positiva. O Colégio parceiro das atividades de extensão que embasam esta reflexão possuí grades em todos os seus corredores, em todas as janelas e nas portas de todas as salas com qualquer tipo de

equipamento, levando um aluno a afirmar que não gostava de ir para escola por se sentir "como em uma cadeia".

A escola também será o local da não exposição, onde o jovem buscará se preservar. E uma identidade religiosa frágil, atingida por estereótipos, pode ser mais um elemento desagregador, inclusive por envolver memórias relacionadas à vida familiar. Discussões pequenas são hiperdimensionadas, inclusive pela reação daqueles que não estão diretamente envolvidos, mas que as utilizam como estratégia para desviar as atenções de si próprio. O outro se torna parte de uma estratégia de autopreservação, fortalecendo a noção tradicional de que os semelhantes nos protegem e os diferentes nos ameaçam.

O padrão da ação remete para a teoria da escolha racional (Iannaccone, 1997), já que os alunos estão pesando, o tempo inteiro, os custos de assumirem publicamente certos posicionamentos. O meio social será determinante para as condutas, ao mesmo tempo em que a racionalização das condutas pode provocar alterações no próprio meio social, tal como definido na ação social em Weber (2000, p. 03). E as religiões, na medida em que se distingam no imaginário coletivo apenas nas marcas exteriores de vestuário, de comprimento dos cabelos, da ausência ou presença de qualquer adorno, podem ajudar a reforçar a superficialidade dos relacionamentos sociais: religiões sem teologia, relacionamentos sem reconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a secularização parecia ser um processo inevitável e irredutível para diversos pesquisadores, confome visto em Pierrucci (1998; 2002; 2004; 2006), não existem na atualidade elementos que indiquem que tal previsão esteja se concretizando. As religiões estão cada vez mais presentes no espaço público, ocupando as redes sociais, as mídias tradicionais, as manifestações culturais, a educação, instituições públicas e em todo cenário político. O crescimento da bancada da Bíblia no Congresso, a oferta de ensino religioso confessional aprovada pelo Supremo Tribunal Federal em 2017, são somente alguns

exemplos. Assistimos deputados invocarem proteção divina ao declararem seus votos, para depois serem indiciados em diferentes casos de corrupção.

Também visualizamos membros do Ministério Público conduzindo orações, juristas em demonstrações de legitimo e emocional êxtase religioso. A fé, em suas diversas manifestações, está amplamente presente, sem apresentar sinais de recuo. E os resultados indicados neste trabalho mostram que a religião permanece presente no cotidiano dos cidadãos, dos jovens, atuando como elemento de construção de identidades e de estabelecimento de conflitos. São movimentos de reprodução de estruturas de dominação, de padronização de condutas, de imposição de valores, ocorrendo desde muito cedo na vida de nossos cidadãos, deixando sua marca no espaço escolar.

Mas essa presença religiosa, como elemento dessa mentalidade colonial, parece não significar profundidade teológica. Suas diferentes manifestações públicas se pautam principalmente pelo ritualismo, pelo aparente, pelo emocional, que são mais diretamente acessíveis à maioria. Os espaços de reflexão sobre a doutrina se tornam especializados e destinados para um público específico que não é o mesmo que estará presente conduzindo cultos e celebrações. Acredito que essa condição facilita ainda mais o cumprimento dessa função de reprodução de uma mentalidade de dominação colonial. O trabalho de convencimento de fundo teológico ocorreu em outro momento, agora se trata de reproduzir valores através de rituais de controle do pensamento e do comportamento.

Este trabalho confirmou alguns desses elementos marcantes da religiosidade contemporânea brasileira, sem esgotar a profundidade do tema. Prevalece a busca por influenciar o divino para a concessão de favores e dádivas, com base no cumprimento de rituais e sacrifícios dos mais diversos tipos, ofuscando a dimensão teológica.

Demonstrações de intolerância e violência avançam no discurso que não se pauta no reconhecimento do outro, mensagem tão presente em diversas passagens da teologia cristã. Vimos alguns exemplos dessa questão ao longo do artigo. Os modestos resultados obtidos na experiência de extensão relatada motivam a acreditar na possibilidade de reversão de alguns dos elementos desse quadro, partindo do reconhecimento do que há de

comum no discurso religioso e na reflexão acadêmica sobre alteridade e tolerância. Religiosidade de fundo emocional e conhecimento teológico não são extremos separados e opostos. Em seus relatos, na finalização das oficinas, os jovens participantes demonstraram compreender a importância da alteridade e da tolerância[15]. O caminho do futuro, sendo religioso ou não, precisa passar por tais elementos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Bruna. "Como se formam os novos pastores no Brasil". *BBC Brasil*, 2017. Disponível em: < https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41909941>. Acesso em: 30 set. 2018.

BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado - Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião***.** São Paulo: Paulus, 2. ed., 1985.

BERGER, Peter. "A Dessecularização do Mundo: uma visão global". *Religião e Sociedade*, n. 01, v. 21: 09-23, 2001.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada - Edição Pastoral*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1990.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 2.ed. s.l.: Editora Perspectiva, 1982.

CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura.* 5°. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

COELHO, Henrique. Polícia investiga ação do 'Bonde de Jesus' contra terreiros de religiões de matriz africana no RJ. *Globo.com (G1)*, 14 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/08/14/policia-investiga-acao-do-bonde-de-jesus-contra-terreiros-de-religioes-de-matriz-africana-no-rj.ghtml>. Acesso em: 07 nov. 2024.

CUNHA, M. N. A Intolerância e violência religiosas nas mídias noticiosas: a propósito do Relatório Brasil (2011 – 2015). *Reflexão*, v. 45, e204843, 2020. https://doi.org/10.24220/2447-680 3v45e2020a4843

G1 BAHIA. Terreiro de candomblé denuncia ataque de intolerância religiosa pelo 2º dia

[15] Mais detalhes podem ser vistos em Machado, Córdoba e Cappellozi (2017) e em Machado (2019).

consecutivo no sul da BA. *Globo.com (G1)*, 15 fev. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/02/15/terreiro-de-candomble-denuncia-ataque-de-intolerancia-religiosa-pelo-2o-dia-consecutivo-no-sul-da-ba.ghtml>. Acesso em: 07 nov. 2024.

GONZÁLEZ CASANOVA, P. *Colonialismo interno (uma redefinição).* Buenos Aires: CLACSO, 2007. Disponível em:<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/formacion-virtual/2010071 5084802/cap19.pdf>. Acesso em: 25 out. 2024.

IANNACCONE, Laurence R. "Rational Choice: Framework for the scientific study of religion". *Economics of Religion Gateway,* 1997. Disponível em: <http://www.religionomics.com/old/erel/S2-Archives/Iannaccone%20-%20Framework-D.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2009.

_____, FINKE, Roger; STARK, Rodney. "Rationality and the 'Religious Mind'". *Economic Inquiry*, v. XXXVI: 373-389, 1998.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 08 nov. 2024.

KOLAKOWSKI, Leszek. A Revanche do Sagrado na Cultura Profana. *Religião e Sociedade*, v. 1, n. 1, p. 153-162, mai. 1977.

MACHADO, Vitor Barletta. "Diversidade e desconhecimento religioso". *19 Congresso Brasileiro de Sociologia*. Sociedade Brasileira de Sociologia, 2019. Disponível em: < https://www.sbs2019.sbsociologia.com.br/atividade/hub/gruposdetrabalho>. Acesso em 01 ago. 2019.

MACHADO, Vitor Barletta; CÓRDOBA, Luiz Gustavo da Silva, CAPPELOZZI, Aline de Cassia. "Escola, religião e intolerância: resultados de um trabalho de extensão na periferia de Campinas-SP". *Cadernos UniFOA* (online), v.12: 63-74, 2017. Disponível em: http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/cadernos/article/view/1427/1280. Acesso em 01 ago. 2019.

MARIANO, Ricardo. "Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal". *Estudos Avançados*, 18(52): 121-138, 2004. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000300010>. Acesso em: 04 out. 2018.

MARIANO, Ricardo. "Usos e limites da teoria da escolha racional da religião". *Tempo Social*. [online], vol.20, n.2: 41-66, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v20n2/03.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2009.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil.* São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. "Refazendo Antigas e Urdindo Novas Tramas: Trajetórias do Sagrado". *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2: 63-74, 1997.

NISHIMURA, Katia Mika. "Conservadorismo social: opiniões e atitudes no contexto da eleição de 2002". *Opinião Pública*, v. 10, n. 2: 339-367, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762004000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 01 ago. 2019.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "Secularização em Max Weber: Da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 37: 43-73, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 jul. 2009.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "Cadê nossa diversidade religiosa?". *Folha de S. Paulo – Opinião (Tendências/Debates)*, 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2912200208.htm>. Acesso em: 03 out. 2018.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "'Bye bye, Brasil': o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000". *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52: 17-28, 2004. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000300003>. Acesso em: 01 jul. 2009.

PIERUCCI, Antônio Flávio. "Religião como solvente: uma aula". *Novos estudos - CEBRAP*, n. 75: 111-127, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 Set. 2018.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O Desencantamento do Mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

PIRES, Flávia. "Tornando-se adulto: uma abordagem antropológica sobre crianças e religião". *Religião e Sociedade*, v. 30, n. 1: 143-164, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872010000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 ago. 2019.

PRANDI, Reginaldo. "Perto da Magia, Longe da Política". In: PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. "Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica". *Tempo Social*, v.29, n. 02: 187-214, 2017. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.110052>. Acesso em: 05 out. 2018.

PRANDI, Reginaldo; CARNEIRO, João Luiz. "Em nome do Pai: Justificativas do voto dos deputados federais evangélicos e não evangélicos na abertura do impeachment de Dilma Rousseff". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 33, n. 96: 01-22, 2018. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.17666/339603/2018>. Acesso em: 05 out. 2018.

RICOEUR, Paul. "Tolerância, intolerância, intolerável (1990)". In: _____. *Leituras 1: em torno ao político*. São Paulo: Loyola, 1995.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 6.ed., 1996.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora UnB, 4. ed. (v. 1), 2001.

ABSTRACT:

The paper presents several results of an extension project carried out through the extension program of the Pontifical Catholic University of Campinas, in a state public school on the outskirts of Campinas-SP, dealing with the topic of violence and religious intolerance. The activities conducted with elementary school students aimed to help students understand the concept of otherness, starting from the recognition of religious diversity, in addition to allowing them to reflect on their social place. At the same time, it reflects on contemporary religious reality, marked by a religiosity without great theological depth, given the conditions in which its reproduction occurs. References to the concept of secularization, religious market and rational choice help to draw preliminary conclusions, in which we have the description of a world with a religious presence but without knowledge of the religious.

Keywords: Tolerance; Contemporary religiosity; Public school; Coloniality.

Recebido em 30/10/2024.

Aprovado para publicação em 07/11/2024.